

CAGLIARI, Luiz Carlos (1997). *Fonologia do português: análise pela geometria de traços*. Campinas: Ed. do Autor.

O autor apresenta o modelo denominado geometria de traços, o qual foi desenvolvido a partir de meados da década de 1980 e propõe que os traços distintivos são reunidos em subgrupos, estando alguns mais estreitamente relacionados do que outros. O modelo é utilizado para analisar o sistema fonológico do português.

FERREIRA NETTO, Waldemar (2001). *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. São Paulo: Hedra.

Encontramos nesse livro uma discussão detalhada da representação gráfica dos sons no português, bem como da formação da fonologia do português a partir do latim. Há inúmeros exemplos de diversas variedades do português, principalmente do Brasil mas também de Portugal, e capítulos que tratam das sílabas e do acento na língua portuguesa. Cada capítulo é complementado por exercícios.

GOLDSMITH, John (org.) (1995). *The Handbook of Contemporary Phonological Theory*. Oxford: Blackwell.

Composto de 24 capítulos de cunho predominantemente teórico que cobrem as principais áreas e teorias da fonologia e oito capítulos que focalizam línguas específicas, todos eles redigidos por especialistas de renome internacional, esse é um livro indispensável para quem quiser se aprofundar no estudo da fonologia.

KAGER, René (1999). *Optimality Theory*. Cambridge: Cambridge University Press. Esse é um livro bastante didático que introduz a teoria da otimidade, surgida no início da década de 1990, a qual não foi tratada neste capítulo, mas foi mencionada brevemente no final do capítulo relativo à mudança linguística no primeiro volume. A discussão é bastante detalhada e acessível a quem tiver alguma familiaridade com a fonologia gerativa.

KENSTOWICZ, Michael (1994). *Phonology in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell. Esse livro apresenta de forma bastante completa uma discussão dos principais aspectos da teoria fonológica gerativa. O autor utiliza exemplos de inúmeras línguas e discute em detalhe as implicações das principais propostas teóricas. Um livro essencial para quem quiser se aprofundar no estudo da teoria fonológica.

Morfologia

Margarida Maria Taddoni Petter

Para bom entendedor meia palavra basta. Palavra de rei não volta atrás. Pesar as palavras, medir as palavras, pedir a palavra, empenhar a palavra, cortar a palavra, em quatro palavras, palavra de honra, santas palavras, última palavra... São alguns provérbios e expressões que demonstram que, para o falante, a palavra é identificada como uma unidade formal da linguagem que, sozinha ou associada a outras, pode constituir um enunciado. Se para o leigo parece evidente reconhecer *palavras*, para o linguista não é tão simples caracterizar a entidade que representa, aproximadamente, a primeira articulação da linguagem, aquela que se manifesta por meio de unidades significativas.

Para começar a compreender *as palavras* na perspectiva do linguista, vamos partir da prática da gramática tradicional, segundo a qual são atribuídos dois significados ao termo 'palavra'. O primeiro deles poderia ser ilustrado pela resposta fácil à pergunta: quantas palavras há na frase "José contou muitas estórias"? Nenhum locutor de português vacilaria em afirmar que há quatro palavras. Por outro lado, se questionarmos o número de palavras da sequência *contou, contamos, contava, contávamos, contasse*, provavelmente haveria alguma hesitação, e uma das respostas possíveis consideraria a existência de *formas diferentes de uma mesma palavra*; teríamos, então, o segundo sentido de *palavra*, decorrente de uma interpretação especial do conceito. Essa segunda acepção levaria em conta: (i) a **forma vocabular**, ou forma de palavra, e (ii) o **lexema**, a palavra como unidade

abstrata, com significado lexical, CONTAR, no caso. É essa última a forma registrada pelos dicionários; corresponde à **forma de citação** padronizada, aquela que é empregada para a referência aos lexemas.

Essas primeiras observações já nos permitem esboçar uma parte das questões investigadas pela Morfologia – frequentemente definida como a área da linguística que estuda “a forma das palavras”. Restaria acrescentar, para completar o domínio de investigação da morfologia, que, a partir de CONT-AR, também podemos obter uma outra série de palavras: *conto, contista, contador, conta, contagem*. Embora sejam formas associadas a CONTAR, não podemos afirmar que sejam formas diversas do mesmo lexema, pois cada novo termo possui um significado lexical próprio e constitui, portanto, um novo lexema. Esse conjunto de palavras formou-se por um processo diverso daquele da sequência anteriormente analisada (*contou, contamos, contava, contávamos, contasse*) pois criou novos itens lexicais. Na construção dos dois conjuntos de termos formados de CONT-AR pudemos constatar a atuação de dois processos morfológicos distintos: a **flexão**, no caso de *contou, contamos*, etc. – produzindo “formas de palavras” – e a **derivação**, em *conto, contista*, etc. – produzindo novos “lexemas”. O primeiro deles é objeto de estudo da **Morfologia Flexional** e o segundo, da **Morfologia Lexical**.

1. Morfologia é o estudo da forma...

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001) apresenta como primeiro significado de *morfologia*: “estudo da forma, da configuração, da aparência externa da matéria”. O termo foi inicialmente empregado nas ciências da natureza, botânica e geologia. Na linguística, começou a ser utilizado no século XIX. Nessa época, sob influência do modelo evolucionista de Darwin, acreditava-se que o estudo da “evolução” das ‘quatrocentas ou quinhentas’ raízes básicas do indo-europeu poderia levar à solução do velho enigma da origem da linguagem (Matthews, 1974:3). Hoje, essa questão está praticamente fora do âmbito da pesquisa linguística, e “o estudo da forma das palavras” assume outra abrangência e complexidade.

O estudo comparativo das línguas desenvolvido no século XIX permitiu que August von Schlegel (1818) formulasse uma tipologia morfológica, reorganizada por August Schleicher (1821-1868), segundo a qual todas as línguas se distribuiriam em três tipos:

a) isolantes: em que todas as palavras são raízes, isto é, as palavras não podem ser segmentadas em elementos menores, portadores de informação gramatical e/ou significado lexical. O chinês é uma língua isolante: *wǒ mǎi jǔzi chī /eu/comprar/laranjas/comer/ “eu comprei laranjas para comer”* (Crystal, 1987:293);

b) aglutinantes: em que as palavras combinam raízes (elementos irreduzíveis e comuns a uma série de palavras) e afixos distintos para expressar as diferentes relações gramaticais, como o turco: *kayık+lar+ımız/ barco/plural/nosso/“nossos barcos”*, onde distinguimos, claramente, a raiz *kayık*, os afixos: *-lar* (plural) e *-ımız* (possessivo 1ª pes. pl.), observando um afixo para cada informação gramatical;

c) flexionais: em que raízes se combinam a elementos gramaticais, que indicam a função das palavras e não podem ser segmentados na base de ‘um som e um significado’, ou um afixo para cada significado gramatical, como nas línguas aglutinantes. O latim é um exemplo de língua flexional, pois as desinências casuais trazem muitas informações – caso, número e gênero – como em *bon-as*, em que *-as* se combina à raiz *bon-* para indicar o caso *acusativo*, o número *plural* e o gênero *feminino*.

Sabe-se que não há nenhuma língua que seja exclusivamente isolante, aglutinante ou flexional; o que ocorre é uma tendência maior a organizar as palavras conforme um ou outro tipo. Em muitas línguas consideradas “isolantes”, em que os valores gramaticais não estão marcados segmentalmente, são as variações tonais que os expressam, realizando a flexão no nível suprasegmental. Embora hoje essa tipologia seja reconhecida como tendo um caráter meramente descritivo, pois não há nenhuma “vantagem” linguística em apresentar morfologia flexional ou “desvantagem” em ter morfologia predominantemente isolante, essa classificação, por influência de Schleicher, foi interpretada por muito tempo como tendo o valor de uma escala hierárquica evolutiva, que teria, na base, as línguas isolantes – africanas, indígenas e asiáticas; no topo estariam as línguas flexionais, “mais evoluídas” – as línguas da família indo-europeia (Leroy, 1971: 34-43).

Humboldt (1836) identificou um quarto tipo de organização morfológica nas línguas do mundo, o das línguas *polissintéticas*, caracterizadas por uma morfologia complexa capaz de colocar numa única palavra muitos morfemas que seriam palavras independentes em muitas línguas analíticas. Muitos linguistas questionaram se “polissintética” consistiria uma categoria tipológica independente, uma vez que essas línguas apresentam traços flexionais e aglutinantes. No início do século XX, Whitney, Franz Boas e Sapir desenvolveram vários estudos descritivos sobre línguas polissintéticas (chamadas também *incorporantes*), a maioria delas concentrada na América do Norte, nas famílias Esquimó-Aleúte, Algonquina, Iroquesa, Na-Dene. As línguas *polissintéticas* não se confundem com as línguas que possuem palavras longas, decorrentes de processos de composição, como o alemão ou sânscrito, pois naquelas as palavras são verdadeiras *frases*, ou *palavras-sentenças* como ilustra o exemplo abaixo, de uma ‘palavra’ na língua Bella-Coola [Salishan] (Fortescue, 1992: 2602):

mntsk – lqsak – m – ts

(contar – dedo – progressivo – 1ª pes. singular)

“Eu estou contando nos meus dedos”

Foi o conhecimento maior de línguas fora do domínio indo-europeu que permitiu à linguística rever o seu conceito sobre “palavra” e os mecanismos utilizados para sua identificação. Critérios semânticos – uma palavra, um significado – ou fonológicos – um acento principal por palavra – mostraram-se insuficientes, quando aplicados a várias línguas, como as polissintéticas, por exemplo. O critério sintático é considerado por muitos linguistas como o mais adequado. Seriam palavras as sequências sonoras que poderiam constituir a resposta mínima a uma pergunta e que poderiam ser usadas em várias posições sintáticas. Conforme esse princípio, o exemplo acima de língua polissintética seria uma ‘palavra’, pois seria a resposta mínima a uma questão do tipo: “Com o que você está contando?” Formulada em português, a resposta mínima para essa pergunta seria “dedos”, uma *palavra*, da mesma forma que a ‘palavra-sentença’ da língua polissintética é uma *palavra*; nas duas línguas a *palavra* obedece aos critérios sintáticos de poder ocorrer isoladamente e em várias posições sintáticas.

Adotando a definição sintática de palavra – o elemento mínimo que pode ocorrer livremente no enunciado ou pode sozinho constituir um enunciado – resta examinar o que significa estudar a “*forma das palavras*”. Num sentido mais amplo, em que as palavras são signos linguísticos, poderíamos associar a *forma ao significante* do signo linguístico, sua expressão sonora, que se relaciona com o significado, o conteúdo semântico. Para Hjelmslev, *significante* e *significado* corresponderiam, respectivamente, ao *plano da expressão* e ao *plano do conteúdo*, ambos dotados de forma e substância. Nesse sentido o ‘estudo da forma’ deveria explicar a relação entre a “forma da expressão” e a “forma do conteúdo”, ou seja, os sons organizados linguisticamente para produzir significado. Mas qual seria, então, a unidade mínima de análise: os fonemas e traços, como foram definidos pela Fonologia? A resposta é negativa, pois a Morfologia possui sua própria unidade básica. Podemos tomar como unidade mínima de análise, o signo, a *palavra*, CONTEI, por exemplo, pois pode ocorrer sozinha enquanto forma livre, como também podemos considerar como unidade de análise os signos mínimos ainda portadores de significado, mas que não podem ocorrer sozinhos, CONT-EI. Essas unidades mínimas com significado são denominadas *morfemas*.

Considerar o *morfema* ou a *palavra* como a unidade central do estudo morfológico resulta em modos diferentes de abordar a morfologia. Podemos dizer que a noção de morfema está relacionada com o estruturalismo, que tinha como problema central a identificação dos morfemas nas diferentes línguas do mundo. O privilégio dado à noção de *palavra* é próprio de estudos preocupados com o “modo pelo qual a estrutura das palavras reflete suas relações com outras palavras em construções maiores, como as sentenças, e com o vocabulário total da língua” (Anderson, 1992:7; 1988: 146; apud Rosa, 2000: 16).

Como nosso objetivo é introduzir o estudante de linguística na metodologia da análise morfológica das línguas, vamos apresentar os princípios de descrição desenvolvidos dentro do quadro teórico estruturalista, pela sua eficácia na segmentação e na análise dos processos de associação dos morfemas.

2. Identificação de Morfemas

Bloomfield, ao definir morfema como “a forma recorrente (com significado) que não pode ser analisada em formas recorrentes (significativas) menores” (1926:27), já deixava entrever que a comparação é a técnica básica para a identificação dos morfemas, os menores signos ainda portadores de significado. Assim, a tarefa primeira da análise morfológica consistirá em observar pares ou grupos de palavras que apresentam uma oposição parcial, tanto na expressão como no conteúdo. Opera-se da mesma maneira utilizada para reconhecer fonemas, verificando se a substituição, ou a comutação, de elementos diferentes, mantendo-se os recorrentes, provoca uma alteração parcial de conteúdo. Observe os dados da língua Baulê (Níger-Congo, grupo kwa), falada na Costa do Marfim (os diacríticos indicam os tons – variações de altura das sílabas das palavras, que permitem distinguir significado: [`] tom baixo; [´] tom alto):

̀n-bá	“eu chego”
à-bá	“você chega”
ò-bá	“ele/ela chega”
è-bá	“nós chegamos”
ámù-bá	“vocês chegam”
bè-bá	“eles/elas chegam”

A comparação dos dados da língua africana mostra que o elemento mínimo recorrente é {-bá} e que as formas {̀n, à, ò, è, ámù, bè} se opõem na forma e no significado, como se constata pela tradução em português. Identificamos, então, sete morfemas, o que equivale dizer que podemos segmentar as formas verbais como segue:

̀n-bá à-bá ò-bá è-bá ámù-bá bè-bá

O morfema recorrente é portador do significado de “chegar” e os seis morfemas diversos transmitem a significação de pessoa e número. O morfema recorrente é portador do significado lexical, e os demais trazem a informação gramatical. Para grande parte dos linguistas franceses, a denominação ‘morfema’ restringe-se ao elemento de significado gramatical, utilizando ‘lexema’ para o significado lexical e ‘monema’ para ambos. Utilizaremos o termo “morfema” para os signos mínimos que indicam tanto o significado lexical quanto o gramatical.

2.1. Alomorfes

A diversidade morfológica das línguas é muito grande, maior do que a diversidade sintática. Não se pode generalizar uma informação obtida pela análise do português ou de qualquer outra língua indo-europeia. No entanto, a descrição já estabelecida de muitas línguas revela funcionamento semelhante. A afirmação de que cada morfema tem uma forma única para expressar um mesmo significado é contestada por todas as línguas em diferentes graus e situações. Observe-se o quadro abaixo do português (Borba, 1987:148):

- (i) feliz, crível, grato, real, mortal, legal, adequado, hábil, natural.
- (ii) infeliz, incrível, ingrato, irreal, imortal, ilegal, inadequado, inábil, inatural.

Comparando-se as duas séries nota-se que em (ii) o segmento inicial tem sempre um valor negativo, mesmo que sob forma fonética diversa [ĩ], [i], [in]. A diferença fonética é, no entanto, previsível: teremos [in] antes de vogal; [i] antes de [l, r, m, n] e [ĩ] antes de qualquer outra consoante. Essas formas são variantes de um mesmo morfema, o que permite compreender que o morfema é, na verdade, resultado de uma abstração ou generalização: ele pode apresentar várias configurações fonéticas, cada uma delas é um *morfe* do mesmo morfema. O conjunto de *morfes* que representam o mesmo morfema são seus *alomorfes*. Nenhum alomorfe pode ocorrer no mesmo contexto que outro, o que significa dizer que *os alomorfes de um morfema devem estar em distribuição complementar*.

Se a escolha entre dois ou mais alomorfes depender do contexto sonoro em que ele se encontra, diz-se que houve um **condicionamento fonológico (ou fonético)**. A alomorfia fonologicamente condicionada reflete, geralmente, as restrições de combinatória de fonemas que ocorrem em cada língua. Assim, em português nenhuma sílaba pode terminar em /rs/, então */bars/ não é uma sequência permitida; já em inglês ou francês essa sequência é possível.

Quando não for possível explicar a alomorfia pelo contexto fonético, como o caso do alomorfe do plural de palavras em inglês como *ox, ox-en*, em que a escolha depende de signos linguísticos particulares, diz-se que houve um **condicionamento morfológico**, isto é, uma forma exige a outra simplesmente. Tal é o caso do participio passado dos verbos em italiano, cujos alomorfes *-ato, -uto, -ito*, dependem dos alomorfes do morfema dos três grupos do infinitivo: *-are, -ere, -ire*. Assim, *comprare* “comprar”, *credere* “crer”, *dormire* “dormir” têm como formas de participio passado: *comprato, creduto, dormito*. As classes do infinitivo, portanto, são relevantes para a escolha entre os alomorfes do morfema do participio passado.

O condicionamento fonológico é interpretado por muitos linguistas como sendo um assunto para a fonologia e não para a morfologia. Como é flagrante a relação entre o nível fonológico e o morfológico, alguns autores (principalmente os do Círculo Linguístico de Praga) propuseram a existência de um nível intermediário,

objeto de estudo da morfo(fo)nologia, ou morfofonêmica, que trataria da estrutura fonológica dos morfemas, de suas modificações combinatórias, das mudanças fônicas que adquirem função morfológica. Para os propósitos deste trabalho, interessa principalmente observar a interação entre a fonologia e a morfologia, manifestada nos processos fonológicos que atuam na distribuição dos alomorfes. Sendo assim, vamos analisar a **assimilação**, processo muito frequente nas mais diversas línguas:

Em *temne* (Níger-Congo, grupo atlântico, falada em Serra Leoa), o morfema do artigo definido plural de uma classe de nomes apresenta alguns alomorfes:

o-baj	“o chefe”	am-baj	“os chefes”
o-tik	“o estrangeiro”	an-tik	“os estrangeiros”
o-kabi	“o ferreiro”	aŋ-kabi	“os ferreiros”

O morfema do definido plural pode ser descrito por {a+Nasal}, em que a consoante nasal será especificada pela consoante que a seguir, ou seja, a nasal assimila-se ao ponto de articulação da consoante do morfema seguinte: será a nasal bilabial, antes de consoantes bilabiais; alveolar, antes de consoantes alveolares; velar, antes de consoantes velares.

A descrição morfológica deverá indicar o processo fonológico que determinou a escolha do alomorfe, que poderá ser expressa por meio de uma regra:

{a + N} →	[am-] / – bilabial (labial)
	[an-] / – alveolar (coronal)
	[aŋ-] / – velar (dorsal)

Um tipo de assimilação bastante comum é a **palatalização**, em que as consoantes velares ou dentais assimilam-se às vogais anteriores altas, que têm articulação semelhante às consoantes palatais. Esse fato ocorre no italiano, em /amitʃi/ “amigos”, plural de /amiko/ “amigo”, em que a velar seguida de /i/ assumiu o ponto de articulação da vogal anterior alta.

3. Processos Morfológicos

A associação de dois elementos mórficos produzindo um novo signo linguístico obedece a certos princípios ou mecanismos que variam em sua possibilidade de combinação nas diferentes línguas. Esses modos de combinação são *processos morfológicos* que se manifestam sob a forma de :

- a) **ADIÇÃO:** quando um ou mais morfemas é acrescentado à *base*, que pode ser uma raiz ou radical primário, isto é, o elemento mínimo de significado lexical. Em *aprofundar*, temos os seguintes morfemas *aprofund-ar*, onde *a-* e *-ar*, são *morfemas aditivos*, que se acrescentaram

à raiz *profund-*. *Aprofund-* é a base de *aprofundar*. São chamados **afixos** os morfemas que se adicionam à raiz; **afixação** é o processo. Dependendo da posição dos afixos em relação à base podemos ter cinco tipos:

- (i) *Sufixação*: depois da base. Ex: *livro* > *livro-s*; *casa* > *cas-eiro*;
 (ii) *Prefixação*: antes da base. Ex: *ler* > *re-ler*; *certo* > *in-certo*;
 (iii) *Infixação*: dentro da base. Ex: em Kmu (Laos):

/rkeŋ/ “esticado” > /rmkeŋ/ “esticar” (infixo /-m-/);

- (iv) *Circunfixos* são afixos descontínuos que enquadram a base, como em Georgiano (Cáucaso) :

/u...es/ “muito” – /u-lamaz-es-i/ “muito bonito” (cf. /lamaz-i/ “bonito”)

/u-did-es-i/ “muito largo” (cf. / did-i/ “largo”); /-i/ é um sufixo de nominativo. Embora *u-* pareça ser um prefixo e *-es* assemelhe-se a um sufixo, nenhum dos dois tem significado isoladamente, por isso é preferível tratar a combinação dos dois como uma unidade.

- (v) Os *transfixos* são descontínuos e atuam numa base descontínua, como em Hebraico:

/sagar/ “ele fechou”

/esgor/ “eu fecharei”

Essas formas podem ser analisadas em: base consonantal /s.g.r/ “fechar”, e os transfixos vocálicos:

/a.a./ 3ª pessoa singular passado

/e.o./ 1ª pessoa singular futuro

- b) REDUPLICAÇÃO:** é um tipo especial de afixação, que repete fonemas da base, com ou sem modificações. Nas línguas clássicas – latim, grego e sânscrito – está associado à flexão verbal. Alguns perfeitos latinos são marcados pela repetição da consoante inicial do radical do verbo, seguida de *e-*

PRESENTE		PERFEITO
pango	“concordo”	pepīgī
pargo	“abstenho-me de”	peperci
cano	“canto, celebro”	cecīnī

O morfema reduplicado pode aparecer antes, no meio ou depois da raiz. Pode, também, repetir toda a raiz ou parte dela. No pidgin da Nova Guiné, repete-se a sílaba final da raiz: *lapun* “velho”, *lapunpun* “muito velho”. Nas línguas crioulas, os significados mais frequentemente obtidos pela reduplicação são de intensidade, iteração e distribuição. Em Fa d’Ambu, crioulo de base portuguesa da ilha de Ano Bom temos (Post, 1995:196):

Intensidade	kitsyi	“pequeno”	kitsyikitsyi	“muito pequeno”
	gavu	“bom”	gagavu	“muito bom”
iteração	nda	“andar”	ndanda	“perambular”
	fa(la)	“fala”	fafal	“tagarelar”
distribuição	dosy	“dois”	dodosy	“ambos”
	bodo	“borda”	bodobodo	“costa”

- c) ALTERNÂNCIA:** quando alguns segmentos da base são substituídos por outros, de forma não arbitrária, porque são alguns traços que se alternam com outros; como em português: *pus/pôs*; *fiz/fez*; *fui/foi*, ou em inglês, alguns plurais, como *foot/feet*; *man/men*. Em alemão, também alguns plurais se formam apenas pela alternância vocálica [fater] / [feter] “pai/pais”, ou pela alternância e o acréscimo de sufixos [man] / [mener] “homem/homens”. A linguística histórica trata esses processos de alternância de vogais no interior da raiz como apofonia e metafoia.

- d) SUBTRAÇÃO:** quando alguns segmentos da base são eliminados para expressar um valor gramatical. Bloomfield apresentou um exemplo clássico para explicar o masculino em francês como resultante desse processo, em que as formas masculinas podem ser derivadas das femininas pela queda da consoante final, como nos itens:

Feminino	Masculino	
ʃat	ʃa	“gato”
lɛd	lɛ	“feio”
movez	move	“mau”
fɾɛʃ	fɾɛ	“fresco”
bɔn	bɔ̃	“bom”

Descrever essa série partindo da forma masculina, levaria a identificar uma lista muito grande de morfemas do feminino (-t, -d, -z, -ʃ, -n, nos exemplos citados), o que dificultaria uma generalização. Explicando por meio do morfema subtrativo obtém-se uma descrição mais regular.

Diferentemente do francês, pode-se dizer que no português alguns femininos são formados por subtração de morfemas do masculino, como em *órfão/órfã*; *anão/anã*; *campeão/campeã*, etc.

Os processos morfológicos que afetam traços suprasegmentais, como acento e tom, podem ser aditivos ou substitutivos. Em inglês, nos pares nome/verbo que se distinguem pela posição do acento, como se vê em *trânsform/transfórm* “transformação/transformar” pode-se tomar o verbo como a forma básica e derivar o nome por meio de uma mudança de acento ou assumir que ambas as formas (nome e verbo) são uma base não especificada quanto ao acento mais um padrão de acento nominal [_ _], ou padrão de acento verbal [_ _] .

Algumas vezes, vários processos podem aparecer combinados, como, em português, no plural da palavra *ovo*, em que há uma alternância *o/o* e uma sufixação {-s}, *ovos*.

A situação examinada acima nos mostra que um único traço de conteúdo (plural, no caso) pode ser expresso por uma combinação de marcas. Inversamente, uma única marca pode simbolizar muitos traços de conteúdo, como no francês *au* [o], que funciona como a preposição *à* “para” mais o artigo masculino *le*, em *au début* “no começo”, por exemplo. Em latim, temos as desinências dos nomes, que indicam o caso (função) o gênero e o número, como *bon-i* “bons”, em que {-i} significa nominativo (sujeito), masculino, plural. Em português, pode-se analisar que, na primeira pessoa do presente do indicativo de *am -o*, o {-o} representa cumulativamente presente do indicativo + 1ª pessoa do singular (Pontes, 1965). Esses exemplos são tratados como casos de *cumulação*, e os morfemas são denominados de *cumulativos* ou *portemanteau* (“cabide”, em francês).

4. Morfema zero

A noção de *morfema zero* { \emptyset } deve ser postulada com bastante parcimônia. Segundo Gleason (1961:80), pode-se dizer que há morfema zero somente quando não houver nenhum morfe evidente para o morfema, isto é, quando a ausência de uma expressão numa unidade léxica se opõe à presença de morfema em outra, como se depreende da comparação das formas verbais (Kehdi, 1993:23):

Falávamos
Falava

Nesse caso, pode-se destacar o morfema {-mos} como expressão de primeira pessoa do plural. Quanto à *falava*, forma de primeira ou terceira pessoa do singular, não se identifica nenhum segmento que indique essas noções. Nesse caso é a ausência de marca que expressa a pessoa e o número; portanto é o *morfema zero* { \emptyset } que traz a informação gramatical.

Segundo Kehdi (1993:25), pode-se afirmar também que os alomorfes de plural em português: /-s, -es, -is/, incluem um alomorfe zero, presente, por exemplo, em pires, cujo número só é recuperável pelo contexto: *o pires novo / os pires novos*. Pode-se afirmar que pires é constituído do radical pires mais o alomorfe / \emptyset / de número (singular /plural).

A descrição de uma língua desconhecida a partir da tradução exige um cuidado adicional, pois muitas vezes a tradução pode deixar de lado alguns traços do significado ou acrescentar outros. Postular a existência de um *morfema zero* pode ser útil, em muitas situações, como um expediente temporário na análise, até que um estudo mais extenso possa confirmar ou contestar a análise proposta.

Uma descrição superficial dos nomes em Diulá (Níger-Congo, grupo mandê, Costa do Marfim, Burkina Fasso, Guiné) poderia concluir que não há marcas para o morfema do definido, comparando as formas: /mùsò/ “mulher” e /mùsô/ “a mulher”. No entanto, uma observação mais atenta, com maior número de dados, demonstraria que o definido manifesta-se por meio de um tom baixo que se combina com o último tom da palavra, gerando, um tom modulado / \wedge / alto-baixo, no lexema investigado. Não se trata, portanto, de um morfema zero, mas sim de um morfema tonal.

5. A Ordem dos Morfemas

Todas as línguas apresentam restrições quanto à combinação de morfemas, que levam em conta a forma e a ordem linear da distribuição dos morfemas.

Construções como *ama-ria-mos* impedem qualquer desrespeito à ordem linear, tornando impossível **ama-mos-ria*, **mos-ama-ria*, por exemplo. Alguns linguistas, como os de orientação distribucionalista, argumentaram que somente esses casos, em que se observam combinações no interior dos segmentos internos da palavra, devem ser analisados pela morfologia, cabendo à sintaxe estudar as combinações no nível da frase e do sintagma. Essa discussão remete a uma relação difícil de negar entre a morfologia e a sintaxe, visto que a restrição à sequência **livro o* não é intrinsecamente diferente da restrição à forma **ama-mos-ria*. No âmbito estrito da morfologia, Hockett (1954:389) chegou a propor a descrição de um *padrão tático* das línguas que incluiria a enumeração das classes de distribuição característica dos morfemas.

6. Morfologia Lexical e Morfologia Flexional

Podemos agora, depois de ter aprendido a segmentar os morfemas e reconhecer seus processos de organização, voltar a um tópico apenas enunciado na introdução deste capítulo, a subdivisão dos estudos da morfologia em dois campos:

- (i) um dedicado ao estudo dos mecanismos morfológicos por meio do qual se formam palavras novas – domínio da *morfologia lexical*;
- (ii) outro, voltado para a análise dos mecanismos morfológicos que apresentam informações gramaticais – domínio da *morfologia flexional*.

O mecanismo básico da morfologia lexical é a derivação, por meio do qual se formam séries assistemáticas e assimétricas com muitas lacunas: “*trabalhar* – *trabalhador*; *lavar* – *lavrador*; *carregar* – *carregador*; mas não *ensinar* – **ensinador*;

estudar – **estudador*, porque os lugares já estão ocupados por *professor*, *mestre*, *lente e estudante*” (Sandmann, 1991, 24). Na morfologia flexional, o mecanismo básico é a flexão, que forma conjuntos sistemáticos completos ou fechados, os paradigmas flexionais das conjugações verbais, por exemplo. Na primeira temos a formação de palavras novas, na segunda as palavras são as mesmas, com modificações que indicam relações gramaticais.

Os morfemas derivacionais, embora mais numerosos, têm uma distribuição mais restrita, condicionada pelo uso. Os sufixos do português *-ção*, *-mento*, por exemplo, unem-se a verbos, para indicar nome de ação ou resultado de ação, como: *invenção*, *casamento*; enquanto os sufixos *-ismo*, *-ura* unem-se a adjetivos, para expressar, também, ação ou resultado de ação: *civismo*, *doçura*. Os morfemas flexionais, numericamente limitados, têm uma distribuição mais ampla; o sufixo flexional de plural, o *-s*, se liga a qualquer nome contável.

O acréscimo de morfemas derivacionais pode provocar a mudança de categoria gramatical das palavras; os flexionais conservam seus membros na mesma classe. Em português, podemos exemplificar alguns casos de transferência de classe:

Nome + sufixo > verbo	Ex: clarear, civilizar, coroar, mapear
Verbo + sufixo > nome	Ex: contagem, pesagem, vencedor, punição
Adjetivo + sufixo > nome	Ex: escuridão, imensidão, realidade, finalidade

A derivação lexical, por expressar diferenças vocabulares, é responsável pela maior parte da criatividade ou produtividade lexical da língua. Podemos observar sua atuação nos neologismos bastante previsíveis criados pelos sufixos *-ismo* ou *-ista* difundidos pelos jornais: *lulismo*, *serrismo*, *cirista*, *brizolista*.

7. Morfologia Lexical

Derivação e composição são os processos mais gerais de formação de palavras. O processo de derivação é o mais utilizado para formar novos itens lexicais. Embora a grande diversidade morfológica observada nas línguas do mundo dificulte o reconhecimento da existência de “universais morfológicos”, a pesquisa, ainda incipiente na área, revela que entre os processos de afixação (prefixação e sufixação) há uma preferência pela sufixação. Raras são as línguas exclusivamente prefixais; mas muitas são exclusivamente sufixais, como o turco e o japonês.

Examinaremos, na sequência, os processos de derivação e composição no português, a partir dos trabalhos de Borba (1987) e Basílio (1987).

Na derivação acrescenta-se um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base, como em:

Prefixo + base: *des* + *fazer* = *desfazer*

Base + sufixo: *formal* + *mente* = *formalmente*

A base de uma forma derivada é geralmente uma *forma livre*, isto é, uma forma mínima que pode constituir sozinha um enunciado, como um verbo, um adjetivo ou um advérbio. Podemos ter derivados a partir de *formas presas*, isto é, formas que não podem ocorrer sozinhas, como *morfológico*, em que se juntou o sufixo *-ico*, formador de adjetivos, à base *morfolog*, composta de *morfo* + *log*, que é ao mesmo tempo composta (dois radicais gregos) e presa.

A composição consiste na associação de duas bases para formar uma palavra nova. Teremos palavras compostas a partir de formas livres, como *guarda-livros* (*guarda* + *livros*) como também a partir de formas presas, como *geologia* (*geo* + *logia*).

7.1. Derivação

Em português, raízes e radicais servem de base para a adjunção de afixos. Se tomarmos a palavra *marinha*, verificaremos que o sufixo */-inha/* foi acrescentado à raiz *mar-*; já na palavra *marinheiro*, o sufixo */-eiro/* foi acrescentado ao radical *marinh-*. A raiz é o elemento irreduzível e comum às palavras derivadas (*marinha*, *mar-inheiro*); o radical inclui a raiz e os elementos afixais que servem de suporte para outros afixos, criando novas palavras, como *marinheiro*, cujo radical é *marinh-*. Os afixos são em número limitado. Em português, por exemplo, são pouco mais de cinquenta prefixos e aproximadamente cento e quarenta sufixos. Apresentam funções sintático-semânticas definidas, que delimitam o significado e o uso possível da nova palavra formada. Assim, os prefixos combinam o seu valor semântico ao da raiz a que se unem, como nos exemplos:

inter + *por* = *interpor*; *contra* + *senso* = *contrassenso*; *vice* + *rei* = *vice-rei*.

Os sufixos também apresentam uma significação léxica, mas é mais comum terem um valor geral e abstrato, como *-dade*, *-ez*, *-ia*, que formam substantivos abstratos (liberdade, viuvez, alegria); *-ense*, *-este*, *-ício*, que formam adjetivos (catarinense, celeste, vitalício); *-ar*, *-ear*, *-izar*, que formam verbos (penar, florear, concretizar). Há sufixos que acumulam valores semânticos diversos, como *-ada* (i) ideia de coleção (filharada), (ii) ideia de golpe (agulhada), (iii) ideia de produto alimentar (feijoada), (iv) ideia de duração (temporada).

Os processos derivacionais são bastante produtivos. Tal fato pode ser explicado não só pela possibilidade elevada de combinação de raízes e afixos, mas porque: (i) em muitos casos mudam a classe da nova palavra formada, como a nominalização de verbos, processo altamente produtivo que forma substantivos a partir de verbos, como *pesar* > *pesagem*, (ii) envolvem noções bastante comuns e de grande generalidade, como a ideia de negação (*ilegal*), grau (*gatinho*), designação de indivíduos (*pianista*), nomes abstratos (*bondade*).

7.2. Composição

O processo de composição junta uma base a outra, com ou sem modificação de sua estrutura fônica; aglutinando-se, em *aguardente*, ou justapondo-se, em *pentacampeão*. Os elementos do composto apresentam uma relação entre um núcleo e um modificador (ou especificador), entre um determinado e um determinante. Em português, o primeiro elemento do composto que funciona como núcleo nas estruturas formadas por:

Substantivo + substantivo	Ex.: <i>sofá-cama, peixe-espada, mestre-sala</i>
Substantivo + adjetivo	Ex.: <i>caixa-alta, obra-prima, amor-perfeito</i>
Verbo + substantivo	Ex.: <i>guarda-roupa, porta-estandarte, beija-flor</i>

Nas estruturas com adjetivo, esse é sempre o especificador, independente de sua posição: *belas-artes, livre-arbitrio*.

A composição distingue-se da derivação por seu próprio mecanismo de estruturação: enquanto pela derivação se expressam noções comuns e gerais, o processo de composição permite categorizações mais particulares. A associação de dois elementos independentes do léxico em apenas um elemento cria formas compostas muitas vezes desvinculadas do significado particular de cada um de seus componentes, como em *amor-perfeito*.

8. Derivação Regressiva

Diferentemente dos processos de derivação e de composição, em que há adição de morfemas, existe, em português, um mecanismo de criação lexical em que se observa a *redução* de morfemas, conhecido como processo de *derivação regressiva*. Pode-se observá-lo em derivados do tipo: *busca*, de *buscar*; *implante*, de *implantar*; *manejo*, de *manejar*. Os derivados são, na maioria, substantivos deverbais, isto é, construídos a partir de verbos.

9. Derivação Parassintética

A derivação parassintética consiste na adição simultânea de um prefixo e um sufixo a uma base. É um processo mais produtivo na formação de verbos (*en-* + *feito* + *-ar* = *enfeiticar*) do que na de adjetivos (*des-* + *alma* + *-ado* = *desalmado*). A função semântica é atribuída ao prefixo, enquanto a função sintática cabe ao sufixo, que muda a classe da palavra a que pertence a base.

Reconhece-se como construção parassintética apenas aquela em cujo processo de estruturação não se pode identificar uma etapa de prefixação antecedendo à de sufixação, como em *enraivecer*, que não pressupõe **enraiva*. Já em *insensatez* reconhecemos diferentes níveis de estruturação: o da prefixação, atribuindo valor negativo ao adjetivo *sensato*, formando *insensato*, e a sufixação de *-ez*, formando *insensatez*.

10. Morfologia Flexional

A morfologia flexional trata, principalmente, dos morfemas que indicam relações gramaticais e propiciam os mecanismos de concordância, estando mais diretamente relacionada à sintaxe. Nas línguas do mundo, as categorias gramaticais frequentemente manifestadas pelos morfemas flexionais são: para os *nomes*, as categorias de *gênero, número e caso*; para os *verbos*, as categorias de *aspecto, tempo, modo e pessoa*. Chegou-se até a formular a hipótese da existência de universais morfológicos relativos à flexão. Greenberg (1963:112) constatou que, frequentemente, havendo um morfema para cada categoria, a ordem de ocorrência junto ao nome é: *gênero, número e caso*. Bybee (1985:13-24), na tentativa de explicar certos universais morfológicos, afirma que as categorias mais relevantes são colocadas mais próximas aos radicais ou bases; no caso dos verbos, a ordem varia em função do tipo de afixos, se estes forem *sufixos* a ordem preferencial é *aspecto -tempo -modo -pessoa -número*; se forem *prefixos*, a ordem será invertida.

A evidência desses universais não significa que todas as línguas manifestarão todas essas categorias, nem que todas elas serão representadas pelos mesmos tipos de morfema. Para compreender o funcionamento dos morfemas flexionais vamos examinar como se apresentam os nominais nas línguas do grupo banto (Níger-Congo, benué-congo) com exemplos do quimbundo, língua falada em Angola:

mù-tù	“pessoa”	kì-nù	“pilão”
â-tù	“pessoas”	î-nù	“pilões”
mù-xî	“árvore”	dî-zwî	“língua”
mî-xî	“árvores”	mâ-zwi	“línguas”

Identificamos claramente um morfema prefixal para o singular e outro para o plural, em cada par de palavras, mas não temos elementos para prever a forma de cada um desses morfemas. A diversidade de formas, no entanto, não é aleatória, ela obedece a um sistema chamado “classe nominal”, que inclui todos os substantivos da língua numa classe de singular e noutra de plural; cada classe sendo caracterizada por um prefixo. As classes se organizam aos pares; em quimbundo

há 18 classes nominais, com 9 emparelhamentos singular/plural. Analisando os exemplos acima temos:

- a) classe 1 {*mu-*} tem como plural a classe 2 {*a-*}, refere-se aos seres humanos. Ex. mù-tù / à-tù;
- b) classe 3 {*mu-*} tem como plural a classe 4 {*mi-*}, refere-se às plantas. Ex. mù-xì / mì-xì;
- c) classe 5 {*di-*} tem como plural a classe 6 {*ma-*}, refere-se ao corpo, coletivos. Ex. dî-zwî / mà-zwî;
- d) classe 7 {*ki-*} tem como plural a classe 8 {*i-*}, refere-se a objetos fabricados. Ex. kî-nù / î-nù

Os valores semânticos associados às diferentes classes constituem apenas uma referência, nem sempre verificada na língua. O que atribui a classe a um substantivo é o fato de pertencer a um determinado sistema de concordância, por exemplo classe 3/classe 4, isto é, a classe de singular com a classe respectiva de plural. Trata-se de um mecanismo de flexão, que não cria novos itens na língua, apenas atualiza as raízes para que possam participar de um enunciado.

O sistema de classes nominais em que se inserem os substantivos do quimbundo rege também um mecanismo de determinação, que opera no nível do sintagma como também no nível da frase. Assim, teremos:

- (1) mù-tù ú-mòxì ‘uma(só) pessoa’ (2) kî-nù kî-mòxì ‘um(só) pilão’
 /cl 1/pessoa/ pref.pron. cl1/um/ /cl7-pilão/pref.pron.cl.7/um/
 /pessoa/ uma/ /pilão/um/

Os morfemas que precedem os modificadores do substantivo concordam com este em classe.

Observe-se, abaixo, como as marcas de concordância com a classe do núcleo nominal se manifestam no nível da frase:

- (3) mùtù úmòxì wádìkwàmà
 /mù -tù/ú- mòxì/ù-á-dì-kwàmà/

/cl1-pessoa/ pref.pron.cl1-um/ índice do suj.classe 1-passado - reflexivo - ferir/

“Uma (só) pessoa se feriu” (Bonvini, 1996:81)

Podemos afirmar que o sistema de classe nominal é um *sistema de concordância*, em que todos os especificadores do núcleo nominal devem concordar com ele em classe; no exemplo acima, o prefixo pronominal (categoria dos numerais em quimbundo, conforme descrição de Bonvini) e o índice do sujeito (anafórico do sujeito, obrigatório mesmo com sujeito preenchido lexicalmente) apresentam-se sob a forma que assumem ao relacionar-se com substantivos da classe 1. Se o

núcleo nominal fosse preenchido por um substantivo de outra classe, esses morfemas assumiriam outras formas, conforme o paradigma de cada categoria. Assim como o paradigma das classes nominais em quimbundo possui 18 morfemas, os paradigmas dos prefixos pronominais e os paradigmas dos índices do sujeito também possuem 18 morfemas cada um, para permitir que a flexão manifeste a solidariedade sintática dos morfemas inter-relacionados.

Considerações finais

A morfologia é uma área que tem provocado muitas controvérsias entre os linguistas, que nem sempre consideraram o nível morfológico pertinente para a construção de uma teoria da gramática. O estruturalismo tratou a morfologia como uma questão fundamental, ao valorizar a descrição da diversidade das línguas, evidenciada pela grande diferença morfológica. Para o gerativismo, essa diversidade remete a um aspecto crucial: como conciliar a proposta de uma gramática universal diante de tamanha diversidade morfológica? Esse é o desafio que o gerativismo está enfrentando hoje, ao considerar a morfologia como um problema central a investigar (Sandalo, 2001: 191-204).

Referências bibliográficas

- BASÍLIO, M. (1987) *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.
- BLOOMFIELD, L. (1966[1926]) A set of postulates for the science of language. JOOS, M. (ed.) *Readings in Linguistic I: The development of Descriptive Linguistics in America 1925-56*. Chicago: The University of Chicago Press.
- BONVINI, E. (1996) “Classes d’accord dans les langues négro-africaines. Un trait typologique du Niger-Congo. Exemples du kasim et du kimbundu”. *Faits des langues, L’Accord - Revue de Linguistique*, Paris: Ophrys 8 : 77-88.
- BORBA, F.S. (1987) *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- BYBEE, J. L. (1985) *Morphology: A Study of the Relation between Meaning and Form*. Amsterdã: John Benjamins.
- CRYSTAL, D. (1987) *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FORTESCUE, M. (1994) Morphology, Polysynthetic. In ASHER, R.E., SIMPSON, J. M. Y. *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, vol. 5, Oxford, New York, Seul, Tóquio: Pergamon Press.
- GLEASON JR., H.A. (1961) *Introdução à linguística descritiva*. Trad. J. Pinguelo. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- GREENBERG, J. (1963) *Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements*. In: GREENBERG, J. (ed.) *Universals of Language*. MIT Press, Cambridge, MA.
- HOCKETT, Ch. (1966) Two models of grammatical description. JOOS, M. (ed.) *Readings in Linguistic I: The Development of Descriptive Linguistics in America 1925-56*. Chicago: The University of Chicago Press.
- HOUAISS, A. (2001) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- KEHDI, V. (1993) *Morfemas do português*. São Paulo: Ática.
- LEROY, M. (1971) *As grandes correntes da linguística moderna*. São Paulo: Cultrix, EDUSP.
- LOPES, E. (1991) *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix.
- MATTHEWS, P.H. (1974) *Morphology: An Introduction to the Theory of Word-structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- POST, M. (1995) Fa d’Ambu. In: ARENDS, J., PUYSKEN, P., SMITH, N. *Pidgins and Creoles – an Introduction*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins.

- PONTES, E. (1965) *Estrutura do verbo no português coloquial*. Belo Horizonte: UFMG.
 ROSA, M.C. (2000) *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto.
 SANDMANN, A. J. (1991) *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto.
 SANDALO, M.F. (2001) Morfologia. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez.

Sugestões de leitura

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.
 _____. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis, Vozes, 1969.

Merecem uma leitura cuidadosa as obras do linguista que introduziu o estruturalismo no Brasil e renovou os estudos da morfologia portuguesa, particularmente no que se refere à flexão nominal e verbal.

GLEASON JR., H.A. *Introdução à linguística descritiva*. Trad. J. Pinguelo. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1961.

É um manual que apresenta de forma bastante clara a metodologia da linguística descritiva, com especial atenção para a descrição fonológica e morfológica das línguas.

KEHDI, V. *Morfemas do português*. São Paulo: Ática, 1993.

Apresenta de forma clara as técnicas de segmentação de morfemas e oferece uma análise competente de sua manifestação na língua portuguesa.

NIDA, E. *Morphology*. Ann Arbor, Michigan, University Press, 1949.

É uma obra extremamente completa sobre segmentação e classificação de morfemas. Oferece exemplos de análise de uma grande diversidade de línguas. É um texto clássico da morfologia distribucional.

ROSA, M.C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

Partindo de uma abordagem gerativista da linguagem, a autora apresenta o desenvolvimento dos estudos da morfologia, com explicação clara dos conceitos básicos da análise morfológica, orientando a reflexão do leitor sobre diferentes abordagens dos fenômenos tratados.

SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1991.

_____. *Morfologia Lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

Nas duas obras o autor discute aspectos da morfologia do português, com destaque para a formação do léxico atual do português brasileiro. Defende a tese de que o morfema *{-a}* do feminino dos substantivos não é flexional, discordando da análise tradicional da categoria de gênero.

Exercícios

I. Destaque os morfemas que identificam o nome de agente, no masculino singular, no feminino singular e no plural (dos dois gêneros), em Haussá (Níger, Nigéria). O tom e a duração vocálica, indicados pelos diacríticos acento grave e macron, não devem ser considerados na análise (CARON, B. & Amfani, H. 1997: 28)

NOME DE AGENTE

Verbo		Masculino	Feminino	Plural
1.ginà	'construir'	magìni	maginìya	maginā
2.dinkà	'costurar'	madìnkì	madinkìya	madinkā
3.jēmà	'curtir'	majèmi	majemìya	majēmā
4.kēra	'forjar'	makèri	makerìya	makērā
5.nōma	'cultivar'	manòmi	manomìya	manōmā
6.rina	'tingir'	marìni	marinìya	marinā
7.sāka	'tecer'	masàki	masākìya	masākā

II. Descreva o morfema que significa diminutivo em Agta (Filipinas) (Richards, 1981:46)

1.assaŋ	'pequeno'
2.talobag	'besouro'
3.bag	'tanga'
4.bakbakat	'avó'
5.abbiŋ	'criança'
6.bahuy	'porco'
7.alaʔassaŋ	'muito pequeno'
8.talatalobag	'joaninha'
9.balabakbakat	'avó pequena'
10.balabag	'tanga pequena'
11.balabahuy	'porco pequeno'
12.alaʔabbiŋ	'criança pequena'

III. Identifique os morfemas (Asteca de Tetelcingo – México)

1. nkwika	'Eu canto'
2. tikwuika	'Você canta'
3. nikonis	'Eu vou beber'

4. tikwikas	'Você vai cantar'
5. nikwikatika	'Eu estou cantando'
6. tikonitika	'Você está bebendo'
7. nikwikataya	'Eu estava cantando'
8. tikonik	'Você bebeu'

IV. Depreenda os morfemas gramaticais e explique a distribuição de seus alomorfes, em Bɛŋ (Costa do Marfim) (TCHAGBALE, Z., 1984: 74):

Um/uma	o/a	uns/umas	os/as	
bāŋ	bāni	bāŋŋ	bāniŋ	'corda'
gbiŋ	gbini	gbiŋŋ	gbiniŋ	'odor'
bēŋ	bēni	bēŋŋ	bēniŋ	'buzina'
cè	cèlè	cèŋ	cèèŋ	'camarada'
sī	sīlè	sīŋ	sīēŋ	'palmeira'
zu	zūlè	zūŋ	zūōŋ	'peito'
tó	tólè	tóŋ	tóóŋ	'nome'
tōŋ	tōni	tōŋŋ	tōniŋ	'colina'
jé	jélè	jéŋ	jéèŋ	'boca'

V. Identifique os morfemas (Matis-Amazonas)

1. minbi nami pek	'Você come carne'
2. nami pek	'Ele come carne'
3. nuki nami pek	'Nós comemos carne'
4. minbi nami peak	'Você comeu carne'
5. mikui nami peak	'Vocês comeram carne'
6. nami peak	'Ele comeu carne'
7. abarek	'Ele corre'
8. mikui abarek	'Você corre'

VI. Identifique os morfemas e explique a alternância consonantal observada em Anhi (Gana, Costa do Marfim) (Creissels, 1989: 125):

ò ka	ò à-ha	ò ŋ-gà
'ele fica'	'ele ficou'	'ele não fica'

ò dàfí	ò à-làfí	ò n-náfí
'ele dorme'	'ele dormiu'	'ele não dorme'
ò ba	ò à-wá	ò m-mâ
'ele vem'	'ele veio'	'ele não vem'

VII. Indique o morfema do definido e a regra que prevê seus alomorfes, no Crioulo do Haiti:

livla	'o livro'	waa	'o rei'
sevjetla	'a toalha'	dā	'dente'
bōtea	'a bondade'	dāā	'o dente'
ʃimēā	'o caminho'	ʃimē	'caminho'
ʃez	'cadeira'	ljōā	'o leão'
fia	'a menina'	wōtla	'a vergonha'
fi	'menina'	ʃezla	'a cadeira'
liv	'livro'	sevjet	'toalha'

VIII. Descreva os morfemas que ocorrem nos dados do Popoloca da Serra (México) (Richards, 1981: 25):

	1ª pes., presente	2ª pes., presente	2ª pes., passado
1. 'subir'	akiʔmpa	mikiʔmpa	mikiʔmwom
2. 'trabalhar'	ayo·ša·p	miyo·ša·p	miyo·šawom
3. 'engordar'	apɿ·pa	mipɿ·p	mipɿ·wom
4. 'construir casa'	atɿga·p	mitɿga·p	mitɿgawom
5. 'empalidecer'	apooba·p	mipooba·p	mipoobawom
6. 'ouvir'	amotoŋpa	mimatoŋpa	mimatoŋwom
7. 'comer'	awiʔkpa	miwiʔkpa	miwikwom
8. 'cortar lenha'	akɿɿɿba·p	mikɿɿɿba·p	mikɿɿɿbawom
9. 'espirrar'	aheetɿkspa	miheetɿkspa	miheetɿkswom

Referências bibliográficas

- CARON, B. & AMFANI, H. (1997) *Dictionnaire français-haoussa*. Paris, Ibadan: Karthala, Ifra-Ibadan.
 CREISSELS, D. (1989) *Aperçu sur les structures phonologiques des langues négro-africaines*. Grenoble: ELLUG.
 RICHARDS, J. (1981) *Exercícios de análise gramatical*. Brasília: SIL (Summer Institute of Linguistics).
 TCHAGBALE, Z. (1984) *T.D. de Linguistique – exercices et corrigés*. Abidjan: ILA (Institut de Linguistique Appliquée).